

EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NA ESCOLINHA DA BATERIA DA TORCIDA UNIFORMIZADA DO FORTALEZA - TUF

Raoni Oliveira Marques¹

RESUMO

A Bateria Nota 10, grupo percussivo da TUF, surgiu junto à entidade em 1991 e teve sua primeira escolinha em 2016. Inicialmente, a seleção era informal, feita nas arquibancadas durante os jogos. As primeiras seleções formais começaram em 2016, resultando em uma escolinha com 43 participantes, dos quais 9 foram incorporados à Bateria após três meses de treinamento. A Bateria da TUF exigia mais que habilidades rítmicas, valorizando também o engajamento com a torcida e participação nas caravanas. Em 2018, a Escolinha BN10 começou com 13 integrantes, oficializando-se em novembro de 2017. A Bateria possuía 34 instrumentos, mas apenas 12 componentes ativos devido às diversas responsabilidades e dificuldades de manter a participação contínua. O estudo também revelou a influência da Bateria na vida pessoal dos integrantes, destacando a dedicação e os laços afetivos criados, como ilustrado ao longo dos escritos. A Bateria tornou-se parte integrante da identidade dos seus ritmistas, evidenciando a importância da musicalização na formação social e pessoal dentro da torcida organizada. O presente artigo aborda as experiências formativas na Bateria da Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF) em 2018. Mergulhamos como antropólogo, no dever pedagógico de compartilhar conhecimentos, questionamentos e métodos. Percebemos a Escolinha da Bateria Nota 10, como uma ferramenta criada para formação musical dos integrantes. A metodologia qualitativa de pesquisa empregada nesta investigação constituiu-se em um composto de abordagens e visões epistemológicas que conduziram o nosso fazer-pesquisador. Elas potencializaram o fazer-musical e incentivaram o fazer-educativo. Abordagens da etnografia, da pesquisa-ação, do estudo de caso e da história de vida e formação nos possibilitaram refletir sobre como se deu o processo de formação humana e musical na *Escolinha da Bateria Nota 10 – BN 10*, da Torcida Uniformizada do Fortaleza – TUF, durante o ano de 2018.

Palavras-chave: Torcida Uniformizada, Musicalização, Antropologia, Futebol, Torcidas.

INTRODUÇÃO

Este artigo consiste na apresentação dos dados da pesquisa empírica. Descrevemos o grupo que participou da pesquisa e suas relações sociais em um contexto de musicalização. Também delineamos as técnicas de musicalização utilizadas na Escolinha por todos os envolvidos na investigação – pesquisador e participantes. Como

¹ Mestre em Educação pela Absoulut Christian University - ACU , raoniomarques91@outlook.com;

nosso contato com a musicalização na torcida estreia por intermédio desta pesquisa, consideramo-la como uma expedição de reconhecimento a um ambiente inexplorado.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

- ❖ Descrever o processo de formação humana e musical na Escolinha da Bateria Nota 10 da Torcida Uniformizada do Fortaleza durante o ano de 2018.

Objetivos específicos

- ❖ Experienciar a *Escolinha da Bateria* da TUF;
- ❖ Situar sociológica e historicamente a prática musical na Torcida Uniformizada do Fortaleza;
- ❖ Refletir como as regras de sociabilidade estabelecidas no campo estudado afetam o processo de aprendizagem;
- ❖ Apontar as técnicas e os métodos utilizados nas aulas teóricas da Escolinha em 2018.
- ❖ Delinear as técnicas e os métodos que os torcedores-formadores utilizam nas aulas práticas da Escolinha em 2018;

METODOLOGIA

A metodologia qualitativa de pesquisa empregada nesta investigação constituiu-se em um composto de abordagens e visões epistemológicas que conduziram o nosso fazer-pesquisador. Elas potencializaram o fazer-musical e incentivaram o fazer-educativo. Abordagens da etnografia, da pesquisa-ação, do estudo de caso e da história de vida e formação nos possibilitaram refletir sobre como se deu o processo de formação humana e musical na *Escolinha da Bateria Nota 10 – BN 10*, da Torcida Uniformizada do Fortaleza – TUF, durante o ano de 2018.

Primeiramente, considerando-nos um etnógrafo, seguimos determinados a imergir em campo para possibilitar a coleta de dados com a qualidade requerida pelo

desafio que foi investigar as relações sociais que perfaziam o objeto investigativo. Com esta intenção, sugerimos, em 2017 ao responsável pela organização da Bateria² nossa participação como aprendiz e pesquisador na Escolinha no ano de 2018.

Nesse momento, gravamos entrevistas com dois componentes e com o diretor da Bateria naquele período, com o primeiro diretor e com o então atual puxador. Também entrevistamos Descartes Gadelha, mestre da cultura popular e integrante da histórica *Charanga do Gumercindo*³. Mas muitas informações não puderam ser gravadas, nem anotadas, pois, em alguns momentos, estávamos com a baqueta na mão, tentando não sair do andamento da música e lembrar o próximo motivo rítmico que deveríamos executar.

A pesquisa-ação foi o segundo método utilizado em campo, na presente pesquisa, na medida em que, além de aprendiz, cumprimos também o papel de educador, exercendo transformações no ambiente investigativo. Tirou-nos do conforto etnográfico e arremessou-nos à docência, atividade até então não experimentada.

Na introdução do volume 2 do livro *Pesquisa em educação: possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação* (ANASTASIOU, 2008), Selma Garrido Pimenta aponta a característica multidimensional que o objetivo das investigações em educação carrega em si. Logo, podemos aduzir que, na averiguação que consubstanciou esta exposição, não foi diferente. Com a intenção de exercer uma “ação reflexiva docente”, como a autora sugere, precisamos perceber, construir e possibilitar a pesquisa como um todo.

Ainda sobre nossas bases teórico-metodológicas, acostamo-nos dos aportes de Bourdieu (2011a) para melhor apreciar o objeto investigativo. As Torcidas Organizadas estabelecem uma rede de relações, com *habitus*⁴ (ser torcedor), *Capitais*, *ethos* próprios, caracterizando-se como *estruturas estruturantes* (torcida, bairro, diretoria,

² A palavra “Bateria” grafada com a inicial maiúscula será em referência ao grupo percussivo em estudo. Quando a palavra “bateria” for grafada com a inicial minúscula fará referência a outros grupos ou mesmo a outro instrumento ou instrumentos percussivos.

³ Antônio Alberto Ramalho Rolim, simplesmente Gumercindo, como era conhecido, foi um ex-diretor e ex-conselheiro do Fortaleza Esporte Clube e fundou, em 10 de maio de 1960, a conhecida *Charanga do Gumercindo*.

⁴ Sobre *habitus* Bourdieu explica que: [...] eu desejava pôr em evidência as capacidades <<criadoras>>, activas, inventivas, do *habitus* e do agente (que a palavra *hábito* não diz), embora chamando a atenção para a ideia de que este poder gerador não é o de um espírito universal, de uma natureza ou de uma razão social (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural [...] (BOURDIEU, 2011a, p. 61)

bateria), consistindo em si relações em torno de *Sistemas simbólicos*⁵ (ideologia), na qual os sujeitos empregam diferentes sentidos ao seu próprio processo de formação humana. A bateria na torcida é um desses instrumentos de conhecimento que pode ser estudado como um caso, para melhor delimitá-lo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A socióloga e pesquisadora Glória Diógenes, em seu livro *Itinerários de corpus juvenis: o tatame, o jogo e o baile* (2003), mergulha na reflexão sobre a necessidade de transgressão que as cidades modernas imprimem em certa parcela da população. A pesquisadora considera que as festas como espaço de lazer são territórios do possível, que permitem o não permitido, que servem como potência de dissolução da violência em “lazer”. Norbert Elias explica, em *A Busca da Excitação* (1992), como a violência no desporto está ligada aos tipos e níveis de *stress* dos sujeitos. Os sentidos que a cultura *funk* estabeleceu com o ser Torcida Organizada – TO, na cidade de Fortaleza, e como a territorialidade foi ressignificada, durante o encontro de dois mundos que partilham de mesmos capitais sociais, são amplamente encontrados nas juventudes das metrópoles ocidentais. Claro que se utilizando de diferentes alegorias para gerar significados. Nesse sentido, Diógenes (2003) reflete sobre a relação entre o *funk* e as torcidas organizadas de futebol.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Bateria Nota 10 é a denominação que se dá para o grupo percussivo da TUF. Fundada no dia 17 de fevereiro de 1991, ela foi encabeçada por um grupo de torcedores estudantes secundaristas e do Curso de Administração da Universidade Federal do Ceará – UFC. Foi apresentada ao público por seu primeiro presidente, Eberson Martins (1991-1993), no programa de rádio esportivo designado por *Fiel Tricolor*, sob a coordenação do radialista e torcedor do Fortaleza Esporte Clube, Emanuel Magalhães.

A Bateria da TUF não tinha escola de formação desde o início de suas atividades. De acordo com um dos interlocutores desta pesquisa, diretor da Bateria, foi

⁵ BOURDIEU, 2011a, p. 10

apenas no ano de 2016 que se formou o primeiro grupo com essa finalidade. No início, a seleção era feita de maneira informal, nas arquibancadas, como afirmou o primeiro diretor da Bateria (1994-1998), em entrevista concedida, no dia 27 de julho de 2017.

[...] a minha escolinha funcionava no intervalo do jogo e depois da partida. Por que isso? Porque era quando tinha gente no estádio que se interessava, tinha curiosidade de ir até o instrumento, de ter contato com aquele instrumento. Então aquilo dali... eu perdia o intervalo, de tomar minha água... e ali eu sentava do lado, fumava meu cigarro, botava um moleque pra... entregava a baqueta pro moleque que já estava a três, quatro jogos nos meus pés pedindo pra tocar aquilo dali. Então, quando eu via que tinha uma potencialidade ali, eu entregava e deixava. Muitos faziam só zoadada, outros tantos eu chegava a aproveitar como membros da bateria. No final do jogo, a mesma coisa, o mesmo sistema, mas também para que eu pudesse aproveitar aquele moleque pra carregar o instrumento até o local do carro né e poder guardar aquele instrumento. (Primeiro diretor de bateria - 27 de julho de 2017)

Pessoas que já tinham certa noção ou já tocavam em outros ambientes aproximavam-se da bateria de diversas formas. Um dos interlocutores desta pesquisa, por exemplo, em uma conversa informal, contou que aprendeu a tocar percussão no Maracatu Rei de Paus. Muitos anos depois disso, começou a frequentar os jogos do Fortaleza e se interessou pela torcida e sua Bateria. Ele afirma que passou meses se posicionando atrás da Bateria durante os jogos, aprendendo as músicas e esperando uma oportunidade de tocar um instrumento na arquibancada.

O atual diretor de Bateria, em entrevista concedida no dia 16 de maio de 2018, afirmou que aprendeu a tocar percussão em uma banda marcial e entrou na Bateria por meio de um convite do Arley Pinheiro⁶, conforme pode ser comprovado por meio do diálogo entre esse torcedor e o pesquisador.

- Como você se aproximou da música? (Pesquisador);
- Tocava em banda, nessas bandas colegiais, fanfarra que chama. Tocava caixa, surdo, né? Prato, né? Quando tinha o prato. Tocava quase tudo [...] (Lepê);
- Como você entrou na Bateria da TUF? (Pesquisador);
- Eu entrei a critério de convite. Tava tendo um ensaio lá na sede, os meninos me viram. Foi até o “Totinha” né? que é o Arley, que é o irmão do Marcionílio. Me viu né? Perguntou se eu sabia tocar. Eu disse que sabia. E ele: “- Macho, tu gosta? Num quer não entrar na bateria?” Eu já tinha tocado com ele, numa caravana, em Salvador, na Bahia. Tava lá, tava com os instrumentos, num tinha ninguém. Como eu já sabia tocar né? peguei e toquei. Depois dessa ocasião, ele me viu na sede, na loja né? Me viu e perguntou se eu num queria participar (Lepê);
- [...] Eu já tinha tocado antes, umas duas vezes antes (Lepê);
- No estádio? [Pesquisador];

⁶ Diretor da TUF durante o início da década de 2000.

- É, no estádio. Mas formal mesmo foi com ele, a convite dele, né, que eu entrei e fiquei ligado diretamente (Lepê);
- E o “Totinha”, ele tocava na Bateria? (Pesquisador);
- Tocava, tocava surdo, se não me engano. Mas a maioria da diretoria tocava (Lepê);
- E tinha alguma escolinha, alguma seleção? (Pesquisador);
- Não. Passou a ter quando eu entrei, que a gente começou a organizar. Eu junto com o Marcelinho, aquele que tava aqui, junto com o Nem. A gente passou a fazer ensaio, né? E fazer tipo seleções. O “Xiboi” até chegou a ensaiar. O “Xiboi” que é nosso diretor. A gente fazia através disso. Fazia o ensaio, a galera se chegava, começava a ensaiar, tocava e ia entrando. Tipo como seleção, não como a gente faz hoje que é uma escolinha (Lepê);
- Desde quando tem escolinha? (Pesquisador);
- Escolinha mesmo está desde o ano retrasado. Desde 2016, a gente começou a primeira escolinha (Lepê).

Em 2016, iniciaram-se 43 (quarenta e três) pessoas na primeira Escolinha da Bateria. Entretanto, apenas 9 (nove) delas foram incorporadas à Bateria da TUF. Durante três (três) meses, este grupo foi formado e passou a tocar na arquibancada. As exigências para tornar-se um componente da Bateria da TUF estavam para além da destreza rítmica. Estar no “dia a dia da torcida” era tão importante quanto saber tocar as músicas. Viajar com as caravanas também era pré-requisito.

A hierarquia existe, mas o que faz com que o posto de “Bateria” seja desejado pelos componentes é o prestígio e a distinção que vêm agregar ao *capital social* (BOURDIEU, 2011a) do sujeito frente aos demais torcedores organizados. Ocupar o centro da arquibancada, ditar o ritmo da massa de espectadores, durante os 90 minutos da partida, pressionar o time adversário ou incentivar os jogadores do Fortaleza, são algumas das expectativas lançadas sobre a Bateria em dia de jogo.

Quando da realização da pesquisa de campo, a Bateria da TUF tinha 34 (trinta e quatro) instrumentos, entre surdos, caixas e repiques. Contudo, apenas 12 (doze) componentes faziam efetivamente parte da bateria. A grande quantidade de eventos e a organicidade requerida dificulta a permanência dos integrantes. É ampla a quantidade de atividades desempenhadas por um componente da Bateria. Os ensaios são intermitentes e acaba que dificilmente está todo mundo no mesmo ensaio.

A torcida consome grande parte do tempo dos sujeitos desta pesquisa. Até a memória é absorvida pelo dia a dia dos afazeres. O diretor de Bateria, Lepê, por exemplo, disse que esqueceu o aniversário da sua esposa por causa do clássico-rei. Muitas vezes, a atividade se mostra inoportuna, como no caso do TM, que tornou-se pai e logo depois foi convidado a ser diretor de Bateria.

Mas a torcida também estreita laços e constrói afetos. Como pudemos observar em relação à proximidade entre o Marechal e seu filho de 6 (seis) anos, a quem sempre leva à sede e ao estádio. Logo, a Bateria e a torcida passam a fazer parte não só do cotidiano, mas da identidade do seu componente.

A *Escolinha da Bateria* de 2018 teve início no dia 21 de fevereiro, com 13 (treze) pessoas. Entretanto, começou a ser concretizada no dia 11 de novembro de 2017, a partir de uma reunião com os componentes da bateria, quando apresentamos o projeto desta pesquisa de mestrado e solicitamos permissão para adentrar o campo de investigação, descrevendo para os participantes o traçado investigativo contendo a proposta metodológica.

No dia 06 de dezembro de 2017, após a ideia da realização da *Escolinha da Bateria* ser aprovada para se iniciar no ano de 2018, fomos à sede da torcida para combinar com os componentes da Bateria quais seriam os dias e horários das aulas e quais as modalidades. Acertamos que elas ocorreriam em duas aulas semanais: uma às quartas-feiras, tendo início às 19 horas e 30 minutos e finalizando às 21 horas, constituída de aulas teóricas, ministradas por nós, com o objetivo de aproximarmos seus componentes da codificação rítmica e da percepção do andamento. O outro encontro, seria composto de aulas práticas, acontecendo aos sábados, das 15 às 17 horas, conduzidas pelos componentes da Bateria. Todas as aulas ocorreriam na Sede Social da Torcida. Segue abaixo o fragmento do diário de campo, datado de 20 de outubro de 2018, com a descrição do espaço no qual transcorreram as aulas.

A Torcida Uniformizada do Fortaleza tem sua sede social em um galpão de aproximadamente trinta e cinco metros de comprimento por vinte metros de largura, na Vila Demétrius, localizada no bairro do Benfica, na cidade de Fortaleza-CE. A fachada do barracão é branca com duas listras: uma azul e outra vermelha. Há um portão grande com aproximadamente cinco metros onde foi grafitado o *patch* da torcida, expondo um leão com cara de poucos amigos. Há uma porta menor que serve ao trânsito cotidiano. Ao entrar na sede, podemos ver logo à esquerda a loja da torcida, à direita um muro onde ficam os banheiros. À frente, pode ser visto o pula-pula infantil e depois o tatame onde as lutas marciais são praticadas e que eventualmente servem de *playground* para as crianças. Ao fundo do galpão, da direita para a esquerda, tem a churrasqueira, o palco, o bar e a cozinha. Se adentrarmos e olharmos para a esquerda, há um sofá de frente para a loja e na parede uma televisão com um *videogame*. Encostada na parede também está a mesa do puxador, que é utilizada, ali, para colocar mochilas e capacetes [...]. Na loja há duas entradas: uma que fica mais perto da porta de acesso externo da sede e a outra que fica mais perto do sofá. A entrada perto do sofá dá de frente com o balcão onde fica o vendedor e há um pequeno ar-condicionado fixado na parede acima da porta. Para a esquerda, fica a outra saída e nas paredes muitos expositores com roupas da torcida e de aliadas (DIÁRIO DE CAMPO).

No diário de campo, seguimos registrando as imagens observadas e os signos de suas representações simbólicas, junto àqueles que fazem a Torcida Uniformizada do Fortaleza – TUF.

As paredes são todas grafitadas com símbolos da torcida que representam diferentes coisas. Uma leoa bem forte, com as curvas corporais bem demarcadas pela roupa colada, corpos humanos musculosos com cabeça de leão bravo em várias composições; com a bateria da torcida, com cachorros *pitbulls*, com o escudo do Fortaleza, leão careca, leão agachado, fazendo o símbolo da TUF com a mão no formato da letra “L” (DIÁRIO DE CAMPO).

Entre as figuras grafadas nos muros da sede da TUF consta um grafite que registra a imagem de seus componentes assassinados e os símbolos das zonais que participam da Torcida Organizada. “Na parede de trás do palco foi grafitada uma homenagem a quatro componentes assassinados, no começo do ano de 2018, e o símbolo das quatro zonas da cidade que é representada pelos pontos cardeais: norte, sul, leste e oeste.” (DIÁRIO DE CAMPO)

As aulas da Escolinha foram iniciadas na quarta-feira, dia 21 de fevereiro de 2018. De acordo com o combinado, uma aula teórica. Planejamos, então, começar explicando o que é a pulsação e exemplificando-a por meio das suas várias denominações. Posteriormente, falaríamos do som, do silêncio e suas durações. Em seguida, um exercício de sincronização em que o grupo contaria até quatro e bateria uma palma no três, depois no dois e por fim no dois e no quatro. Após esses exercícios, seriam apresentadas as formas gráficas da duração do som. Inicialmente por meio de retângulos representando a duração da mínima, quadrados, das semínimas, quadrados cortados ao meio, da duração de duas colcheias e seus respectivos silêncios foram representados com a adição de um “X” dentro dos quadriláteros.

Em seguida, seria definida uma sequência aleatória destes símbolos para fazermos exercício em que todo o grupo bateria palmas ao mesmo tempo, definindo assim uma pulsação. Cantaríamos, então, a sílaba “Tá” durante o tempo representado pelos desenhos. Entretanto o que aconteceu realmente na aula foi diferente do que estava no plano de aula

A grande movimentação na Sede social da TUF, somada à falta de experiência de ensino do facilitador, tornaram os exercícios um pouco engessados. Entretanto, os e as aprendizes compreenderam a existência da pulsação, o que possibilitou futuramente a

compreensão do que se tratavam as figuras de ritmo e a duração de cada uma. Outro aspecto que dificultou a fluidez da aula foi a falta de um quadro branco, que foi adquirido apenas na aula posterior. Utilizei uma folha de caderno para ilustrar a duração das notas e seus silêncios, o que não permitia que o grupo todo conseguisse enxergar a explicação.

O último dia de aula de 2018 foi 29 de dezembro. Para encerrar, fizemos alguns debates durante as aulas teóricas. No dia 27 de novembro, decidimos passar o filme curta metragem chamado “Loucos de Futebol”⁷ e dirigido pelo cearense Halder Gomes em 2008. O filme retrata a forma de torcer do tricolor e consegue estabelecer comunicação e imprimir sentido ao público por meio de entrevistas, mas principalmente de imagens carregadas de emoções em trânsito, que traspassam a tela onde a imagem é projetada e capta o próprio espectador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, ressaltamos que esta pesquisa é fruto de cada oportunidade a que nos agarramos. Se o início desta jornada foi de relutância, isso não foi de todo ruim, serviu para tomarmos os devidos cuidados metodológicos. A vida nos conduziu por caminhos inesperados, mas que proporcionaram estar onde estamos agora.

As torcidas organizadas são instituições que têm como espaço de atuação as arquibancadas dos estádios, empregando os conhecimentos e as habilidades desenvolvidas nas aulas da escolinha e nos ensaios da bateria, nesse lugar e momento de maior *excitação* (ELIAS, 1985). Entretanto, as relações transcendem a arquibancada e acompanham os corpos dos (as) torcedores (as) pelas cidades.

As relações estabelecidas por estes sujeitos afetam a torcida da qual é membro e a torcida (o conjunto de pessoas que a faz) afeta o sujeito que carrega seus signos, revelando, assim, uma relação *dialética* (MARX, 2010, 2011) em que a *estrutura* (BOURDIEU, 2011b) guia as ações de seus componentes, mas também é *tensionada* por estes (PIAGET, 1994), sendo, então, produto histórico do meio em que é formada.

É importante entender o cotidiano de um dos grupos juvenis mais expressivos em nossa cidade. A Torcida Uniformizada do Fortaleza leva cerca de dez mil pessoas aos

⁷ Link do filme Loucos de futebol: <https://www.youtube.com/watch?v=0gQntb5QHsU>

jogos mais importantes do Fortaleza Esporte Clube e a bateria tem lugar central neste grupo, sempre apontada como o coração da torcida. É ela que dita o ritmo e transmite conhecimento e emoções com maior efetividade. Sem dúvida, a Torcida em si gira em torno da música produzida pelo grupo percussivo.

Diante desta pesquisa, pudemos observar que os percussionistas da TUF até 2016 entravam já formados no grupo, pois não havia nenhum tipo de transmissão do conhecimento por parte dos componentes da bateria a não ser extraoficialmente: nos intervalos dos jogos, na sede, na festa e, hoje em dia principalmente, na internet. A partir de 2016, o grupo se organiza para fazer a primeira escolinha e dos 43 (quarenta e três) inscritos, 9 (nove) foram inseridos ao grupo. Pelo que pudemos perceber dos relatos dos interlocutores, a aprendizagem não era feita nos ensaios, pois eles foram escassos e assemelhavam-se mais a testes do que a aulas.

Na Escolinha de 2018, nossa intenção foi fazer com que o processo de aprendizagem passasse a ser coletivo, agregador. Que tal processo envolvesse em mesmo grau a teoria e a prática. Entretanto, percebemos que a formação dos percussionistas se deu mais nas aulas práticas do que nas teóricas. A teoria serviu para treinar a permanência no andamento da música, mas não para sua leitura e execução.

O fato de a maioria dos componentes da bateria não frequentar as aulas teóricas influenciou na falta de engajamento dos componentes novatos, além de tornar impraticável a implementação da teoria nas aulas práticas. Fizemos o movimento inverso do que se esperava: a prática invadiu a teoria e as mesas em vez de segurar os cadernos serviram de instrumentos de estudo.

A competição fez-se presente entre os componentes durante as aulas. Algumas vezes veladamente e outras de forma explícita. Geralmente, na aula teórica, levávamos um PAD⁸ de estudo que tinha, além do metrônomo, um contador de batidas, que apurava quantas vezes o PAD era tocado em quinze segundos e essa sempre era uma disputa no fim das aulas.

Acreditamos que vale questionar se certas disputas podem ser utilizadas como mecanismos de ensino sem potencializar as relações conflituosas. Esta pesquisa é o primeiro esforço exercido no sentido de entender as práticas musicais e formativas na

⁸ Equipamento que auxilia no estudo dos ritmos com a baqueta. É utilizado para abafar o som das baquetas.

TUF. Deste modo, empenhamo-nos em descrever o processo vivenciado durante o ano de 2018. Os ensaios, as reuniões, a manutenção e o transporte dos instrumentos, a sensação de tocar na arquibancada e na festa, foram vivências formadoras tanto quanto as aulas teóricas e práticas.

A fundamentação teórica apresentada nesta pesquisa dá sustentação à percepção histórico-social com que conduzimos as análises aqui concretizadas. Por esse motivo, descrevemos no capítulo teórico os processos que conduziram tanto a prática futebolística quanto a utilização do ritmo *funk* na arquibancada. Utilizamos a teoria de Norbert Elias para refletir sobre a formação do desporto e quais os usos que as sociedades modernas fazem dele. Descrevemos os caminhos que percorreram os ritmos desenvolvidos no norte do continente até chegarem ao sul, criando significados profundos e duradouros nos sujeitos, passando a mesclar-se aos ritmos desenvolvidos aqui. O que não é de se espantar já que tanto o norte quanto o sul, desenvolvem seus ritmos característicos a partir de ritmos africanos.

Pudemos também refletir sobre a teoria de Piaget e o modo como os formadores-torcedores atuavam nas aulas práticas da escolinha e como a gerontocracia mostrava-se pertinente no ambiente da torcida como um todo e potencializava no ambiente de aula. Com isso, foi possível percebermos que a forma de passar o conhecimento na escolinha mostra-se envolta nas experiências dos agentes que cumprem o papel de formadores, exercendo poder simbólico específico, atuando como donos do conhecimento, coagindo muitas vezes os(as) aprendizes.

Contudo, a atividade do grupo, durante 28 anos ininterruptos, indica que há algo que dá forte sentido à coletividade. Percebemos que o esforço para participar do grupo é imenso e exige dos componentes grande desprendimento material, pois o número de jogos absorve parte significativa do orçamento da maioria dos(as) percussionistas. Com este estudo, pesquisadoras e pesquisadores que se interessam tanto por experiências de formação musical, quanto por Torcidas Organizadas terão dados para analisar as práticas observadas e descritas neste artigo. Também potencializa a formulação de um método que torne o processo de musicalização na Escolinha da Bateria da TUF acolhedor e que proporcione a reflexão sobre a realidade social em que estamos inseridos.

Este não é o fim, mas o início desta investigação sobre a Escolinha da Bateria. Aqui encerramos este artigo e voltamos ao campo de pesquisa, ao estádio, à sede, à

Escolinha, aos afetos, com o intuito de aprofundar a vivência e a pesquisa-ação neste ambiente de sociabilidade juvenil tão rico e expressivo.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C.; GOMES, M. de O. **Formar e Formar-se:** a voz e a vez dos professores. In: FRANCO, M. A. S.; PIMENTA, S. G. (Orgs.). Pesquisa em educação: possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação. volume 2, São Paulo: LOYOLA, 2008, p 113 - 142.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz (Português de Portugal). 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011a.

_____. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. 11ª ed. Campinas: Papirus, 2011b.

DIÓGENES, G. **Itinerários de corpos juvenis:** o baile, o jogo e o tatame. São Paulo: Annablume, 2003.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação.** Lisboa: Difusão Editorial, 1992.

_____. **A sociedade de corte:** investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Tradução de Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MARX, K. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte.** Tradução e notas de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **O capital:** crítica da economia política: livro I. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 30ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança.** Tradução de Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994.